

Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS

Small Towns and Cultural Diversities in the Countryside of the State of Rio Grande do Sul: The case of the homoerotic micro-territorialization in Santo Ângelo and Cruz Alta-RS

Benhur Pinós da Costa

Universidade Federal de Santa Maria
benpinos@gmail.com

Resumo

Os estudos sobre as espacializações das diversidades sexuais são produzidos enfocando principalmente as grandes cidades. Em virtude da pouca expressão de formação de um mercado flexível vinculado aos desejos, as sexualidades e a ideia da maior rigidez de uma sociedade local, pensa-se que as homossexualidades são vividas com extrema dificuldade, discriminação e preconceito em cidades pequenas. Neste estudo revelamos uma experiência de pesquisa empírica quanto aos cotidianos de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades pequenas do interior do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Nele demonstraremos os dramas de se viver uma sexualidade tida, ainda, como desviantes, nestes contextos espaciais, mas também revelaremos ricas táticas produzidas por tais sujeitos, com criatividade e esperteza, para se viver plenamente a afetividade e o desejo homoerótico. Por outro lado, também evidenciaremos casos interessantes de lutas políticas para reconhecimento das diversidades culturais e sexuais, muito originais e consistentes em virtude dos contextos pouco permissivos em tais condições regionais. Neste texto exploraremos a pesquisas estabelecidas nas cidades de Santo Ângelo e Cruz Alta, RS-Brasil.

Palavras – chave: Homossexualidade; homoerotismo; espaço; pequena cidade; Rio Grande do Sul; reconhecimento.

Abstract

The studies on the spacialization of sexual diversity are mainly produced with a focus on large cities. Due to the little extent of the formation of a flexible market linked to desires and sexualities and of the rigidity of local society, it is thought that homosexuality is experienced with extreme difficulty, subjected to discrimination and prejudice in small towns. In this study, we reveal an empirical research about the routine of individuals who are sexually oriented to their same sex, in small towns in Rio Grande do Sul State, Brazil. Here, we are going to demonstrate the dramas of living a sexuality that is still considered as deviant in these contexts, but we are going also to reveal the rich tactics conceived by those individuals, their creativity and ingenuity, to fully live according their affectivity and homoerotic desires. On the other hand, we are also going to show some interesting cases of political struggle for cultural and sexual recognition, that are very original and consistent in view of the non permissive environment existent under such regional conditions. In this paper we are going to explore the researches preformed in the cities of Santo Angelo and Cruz Alta, RS, Brazil.

Keywords: Homoerotism; space; small towns; recognition.



Introdução

Este texto foi produzido a partir do relatório da pesquisa 'Cidades, espaço público e diversidade culturais no interior do Estado do Rio Grande do Sul: o caso das micro territorializações de expressões homoeróticas e/ou homoafetivas em contextos urbanos próximos a Santa Maria-RS', fomentada pela concessão financeira do edital Recém-Doutor 2010 da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (ARD-FAPERGS-2010). A pesquisa teve como objetivo principal entender o cotidiano de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Em relação a este objetivo, esta pesquisa se demonstrou importante em virtude das atuais discussões sobre reconhecimento das diversidades culturais e sexuais que permeiam os debates políticos na contemporaneidade nacional.

A sociedade é vista como o resultado de um emaranhado de expressões de sujeitos e grupos sociais diversos que se diferenciam em virtude de seus modos de inserção econômica ao modo de produção e por identificações de cunho subjetivo-pessoais e culturais diversas. O que se observa é que ocorrem socialmente embates políticos entre diversidades culturais e de segmentos sociais diferenciados e uma estrutura que privilegia certas condições de sujeitos e grupos sociais, que se definem hegemônicos quanto suas capacidades de estabelecer suas vontades, de consumir e também de definir os padrões culturais a serem seguidos, definindo-se como maioria. Neste contexto, marginalizações diversas são produzidas e elas se referem tanto a questões de ordem econômica, como a posições em relação ao trabalho e ao consumo, assim como de perspectivas de expressões individuais e coletivas discriminadas por não se adequarem aos padrões morais e estéticos construídos socialmente. Além disso, podemos argumentar que as marginalizações ligam inexoravelmente questões de ordem econômica, política e cultural. O exemplo disso observa uma clara estruturação da hegemonia do gênero masculino, típica de sociedades ocidentais, nas quais se organiza uma série de condicionamentos sociais, que os próprios sujeitos incorporam em suas relações cotidianas e que define, em primeiro lugar, uma diferenciação dos comportamentos e expressões masculinas e femininas. Em segundo lugar, isto também determina uma hegemonia do masculino quando a prevalência da vontade em relação a instituições sociais e sua melhor inserção nos campos políticos e econômicos.

Em relação a isto, a sociedade, além de representar a hegemonia da masculinidade sobre a feminilidade,

tanto em relação à predispostos culturais, assim como políticos e econômicos, como as diferenciais inserções e rentabilidades no mercado do trabalho e das participações nas decisões políticas, também se estruturou em relação à definição de um valor 'heteronormativo' (BRITZMAN, 1989). Este valor define o privilégio social das afetividades quanto estabelecidas entre sexos opostos. Costa (2008) observa que este privilégio é fruto de uma construção histórica que culminou na dupla bipolaridade moderna da sexualidade, primeiramente a diferenciação da sexualidade masculina e feminina e, em segundo momento, da polarização da sexual dos sujeitos entre heterossexual e homossexual. Por outro lado, além de uma história da definição de campos hegemônicos quanto às sexualidades, campos 'subalternos' apresentaram-se como 'subversivos' (SILVA, 2009). A subversividade aqui é vista pela importante luta cotidiana a respeito do exercício livre (objetivação) da subjetividade e do interesse afetivo e sexual. As subversividades cotidianas de sujeitos que historicamente produziam táticas (DE CERTEAU, 1994) cotidianas para exercício da sexualidade, mesmo que camufladas por entre as 'brechas' do meio social normatizador, se constroem como micropolíticas (GUATARRI; ROLNIK, 2007) que ao longo do tempo irão transformar substancialmente as estruturas sociais.

Honneth (2003) aborda estas questões como lutas históricas de reconhecimento, uma vez que a aceitação social para com as diversidades culturais tidas como 'anormais' e/ou 'desviantes' dos padrões hegemônicos, permeiam diferentes escalas e/ou esferas do que se entende como sociedade. Para isto, o autor observa a sociedade tanto por seu entendimento como uma estrutura normatizadora rígida, estabelecida principalmente por uma visão dela como um conjunto de normas que regem os sujeitos, como por seu aspecto desconstrutivo, ou seja, como um conjunto de 'células' (micro) políticas que cotidianamente buscam inserção de autenticidade e de direitos perante outras. A isto o autor observa que as lutas de reconhecimento perpassam campos das afetividades imediatas, a partir do amor, que tornam os sujeitos reconhecidos em sua completude e especificidades em relação a outros sujeitos imediatos (amigos íntimos, familiares e amores); assim como em campos que se definem em escalas de inserção mais amplas, ou seja, em relação a um meio social mais imediato e localizado (em seu bairro e em sua cidade) e o restante das instituições sociais gerais da sociedade, como em relação ao direito formal e as definições morais e éticas.

Em relação a estes movimentos políticos, que são observados desde as lutas cotidianas de sujeitos comuns com relação ao reconhecimento imediato de

suas especificidades, como o prazer, o desejo e a afetividade, por exemplo, até as questões de reconhecimento amplo de uma sociedade como o estabelecimento de novas leis que repercutem em direitos de diversidades antes banidas socialmente, uma complexidade de contextos de reconhecimento são produzidos diferencial e dialeticamente. Um exemplo disso aponta para a ideia de uma possível diferenciação do reconhecimento das homossexualidades em cidades de diferentes tamanhos no contexto brasileiro. Esta foi a hipótese imediata da pesquisa que se insere na definição de seu objetivo principal, ou seja, procurar entender o cotidiano de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, em cidades pequenas. Este interesse imediato se estabeleceu devido o pesquisador começar a conviver mais cotidianamente com aspectos relativos a um modo de vida de cidades pequenas, em virtude de sua atividade profissional e residência na cidade de Santa Maria-RS e na instituição UFSM. Esta ideia se apresenta principalmente pelas discussões sobre sociologia e geografia urbana formal, da escola de Chicago que explicam as diferenciações dos modos de vida entre meios rurais e urbanos e cidades pequenas e cidades grandes.

Em Castells (2000) observa-se uma teoria que dicotomiza o modo de vida rural e urbano, implicando uma maior rigidez de obrigações em relação à definição de um imperativo monocultural de proximidade de interações sociais em meios rurais. As relações se apresentam em formato comunitário em meios rurais, mas os regramentos instituem um padrão monolítico familiar e de vigilância relacional intensa que tornam mais regradas expressões divergentes de sexualidade, por exemplo. De acordo com estas teorias, os 'ares da cidade' libertam e quanto maior a cidade maior a diferenciação social e maior a possibilidade de expressão de diferentes personalidades, uma vez que a densidade populacional e a diferenciação das culturas em meio urbano, principalmente porque a população da grande cidade cresce pela chegada de uma infinidade de imigrantes, são vastas. Cidades pequenas, dessa forma, aproximam-se mais de um meio rural, principalmente porque suas atividades e economia dependem de um meio rural, não industrial e não comercialmente expressivo. Em cidades pequenas a diferenciação social é baixa, assim como todos se conhecem e produzem o imperativo cultural monolítico que aponta para a rigidez das relações afetivas e sexuais baseadas na célula da família e no modelo heteronormativo. As grandes cidades, nesta perspectiva, apresentam um conjunto maior de atividades econômicas e uma quantidade maior de imigrantes que expressam

atividades e culturas diferenciadas, sendo a alteridade característica de seu modo de vida.

Por outro lado, de acordo com Jameson (1991), o setor terciário na segunda metade do século XX se diversifica procurando estimular o consumo de uma diversidade de sujeitos e expressões em meio urbano, principalmente embalado pelas diversidades de expressões juvenis e pelo mercado cultural e de diversão. Em relação a isto, os equipamentos de diversão e lazer nas grandes cidades se diferenciam e produzem oportunidade de convivência de diferentes expressões culturais, como por exemplo, oportunizam a convivência de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. Os equipamentos de diversão e consumo que se especializam em um público 'homossexual' acabam produzindo na grande cidade uma cultura de convivência alternativa que irá produzir a ideia de uma cultura gay. Além de oportunizarem o encontro afetivo-sexual e uma cultura, mesmo que tida como alternativa e produzida na ideia da liberdade restrita e vigiada do gueto (WIRTH, 1976), nas grandes cidades estes espaços oportunizaram a intensificação de um movimento social de reconhecimento quanto à homossexualidade. Nos finais do século XX, estas políticas começam a transformar, a partir da formalização da política gay (organização de ONG's e manifestações), tanto as relações cotidianas quanto ao reconhecimento da sexualidade quanto às definições de direitos da sociedade quanto a tais expressões.

Por outro lado, em relação à pequena cidade, partimos da ideia que os equipamentos comerciais de diversão gay são pouco existentes e, sendo meios mais tradicionais e monolíticos quanto às tradições familiares e heteronormativas, os sujeitos orientados para o mesmo sexo apresentam maiores dificuldades de exercício da afetividade e da sexualidade, assim como se inserem em uma condição de vida mais discriminante, de menor reconhecimento e de menor felicidade. Neste sentido, nos perguntamos: como sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo vivem em cidades pequenas? Como se divertem e quais táticas produzem para exercício do desejo e da afetividade homoerótica? Quais os parâmetros de marginalização e de inserção nestas sociedades? Como se desenvolvem como agentes políticos de luta pelo reconhecimento de suas sexualidades? Por estas questões desenvolvemos nossa pesquisa.

A pesquisa se iniciou com o envolvimento do pesquisador nas atividades da ONG Igualdade Santa Maria-RS. O contato com a ONG foi um tanto inusitado. Em primeiro momento planejou-se acessar os travestis em Santa Maria, porém sempre havia um receio de aproximação direta com travestis que se

encontravam durante as noites nas esquinas da Rua Presidente Vargas, se prostituindo. Talvez este receio adviesse da dificuldade de fazer-se contato com travestis durante as investigações de campo no desenvolvimento da dissertação de mestrado: 'A condição homossexual e a emergência de territorializações', entre 2000 e 2002. Algumas tentativas de contato com travestis no parque Farroupilha em Porto Alegre se demonstraram difíceis e um tanto perigosas, principalmente pelas ações destes sujeitos em defender seus territórios de encontros com clientes, nas periferias do parque, ao longo da Avenida João Pessoa, em Porto Alegre-RS. Por esse sentido o desenvolvimento das pesquisas durante o mestrado e durante o doutorado concentraram-se em relação a análises de grupos focais de homens orientados sexualmente para outros homens, principalmente em lugares de encontros de cunho público (praças, parques e ruas) e privados (bares e boates). O grupo de travestis não foi abordado.

Em Santa Maria, pelo vínculo de residência do pesquisador na cidade e de trabalho na UFSM, ocorreu a ideia de aproximar-se de grupos de travestis e estabelecer algumas análises de pesquisa. Este interesse também se estabeleceu pela visibilidade destes grupos de sujeitos em lugares de prostituição noturnos em avenidas e periferias da cidade (principalmente próximos a postos de gasolina nas estradas que ligam a cidade a outras regiões e nos quais ocorre alto fluxo de caminhoneiros). Para tanto, a estratégia de contato se estabeleceu pela procura de travestis em sites de relacionamento da internet, principalmente: 'Orkut'. Ao digitar no link de busca do *Orkut* a frase 'travestis Santa Maria' apareceram algumas possibilidades. Sem muita escolha, procedemos escrevendo 'depoimentos' nos perfis de alguns sujeitos apresentando-nos como pesquisador e professor da Universidade e procurando estabelecer contatos para este fim. Por sorte foi estabelecido o contato com a líder LGBTT Marquita Quevedo, que prontamente marcou um encontro na chamada casa 13 de Maio, ou posto da Secretaria de Saúde da Prefeitura de Santa Maria cujos funcionários e voluntários servem a comunidade local em relação à prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

No primeiro encontro percebi que Marquita Quevedo é um importante sujeito político de Santa Maria, na luta pelo reconhecimento da população LGBTT local, assim como das diversidades culturais. Simplesmente foi um grande achado. Neste sentido, a pesquisa se encaminhou para uma pesquisa participante nas atividades da ONG Igualdade, principalmente acompanhando as reuniões da casa 13, nos quais participavam integrantes da ONG Igualdade

e de outras ONG's locais, que tratavam sobre eventos que enfocavam principalmente a prevenção as doenças sexualmente transmissíveis. As atividades da ONG em 2010, no início da pesquisa, se concentraram principalmente em relação à organização da décima Parada Livre, em agosto de 2010. Inserimo-nos na organização de algumas atividades deste evento, principalmente em relação à abertura da sétima Semana da Diversidade de Santa Maria e de construção das palestras do segundo Encontro Regional LGBT, no qual o Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM contribuiu com a vinda para professora Joseli Silva, da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR, geógrafa *queer* brasileira e militante das causas LGBTT's.

A participação na ONG fez-nos encontrar com uma diversidade de sujeitos orientados para o mesmo sexo de Santa Maria e de outras cidades do interior do Rio Grande do Sul, principalmente aqueles que se envolvem com as lutas pelo reconhecimento social destas diversidades. Os primeiros dois sujeitos pelos quais os contatos foram mais próximos foram os integrantes da ONG Diversidade de Cruz Alta-RS, Leandro e Everlei. O contato com estes sujeitos já se estabeleceram anteriormente, principalmente pela participação do pesquisador em atividades do DCE da UFSM sobre discussões sobre sexualidade, homofobia e visibilidade gay no evento 'Universidade Fora do Armário' e também décimo concurso 'Miss Drag Queen' do Rio Grande do Sul, ocorrida no clube Caixeiral de Rosário do Sul-RS. Os dois eventos no mês de junho de 2010. Outra importante participação do pesquisador e de aproximação com estes sujeitos foi a participação na Parada e festa da Diversidade da cidade de Cruz Alta-RS, que ocorreu em agosto de 2010. Gostaríamos de salientar que esta aproximação fez com que o militante Leandro submetesse projeto de mestrado no PPGGeografia da UFSM e fosse aprovado, sendo atualmente orientado pelo pesquisador deste trabalho e desenvolvendo uma pesquisa que abordará as redes de comunicação entre lideranças LGBTT's do interior do Rio Grande do Sul e a partir delas a materialização de eventos LGBTT's nestas cidades, como exemplos de evento de promoção do reconhecimento e visibilidade destas populações em cidades pequenas do interior do Estado.

Foi Everlei que me indicou o primeiro sujeito colaborador da pesquisa, que apresentaria um forte vínculo cotidiano nas cidades de Santo Ângelo e Ijuí: Lucimar ou Lana Danger (nome artístico de *Drag Queen*). Os contatos com Everlei foram feitos via *Orkut* e por 'depoimentos' foram informados os telefones de Lucimar. Assim, o pesquisador fez os primeiros contatos via telefone e depois foram

trocados endereços de perfis de *Orkut*, espaços nas quais as negociações para marcação de entrevistas foram feitas. Neste momento se percebeu que a meta da pesquisa de se estabelecer 'histórias orais' em relação à pelo menos seis sujeitos em cada cidade visitada seria muito dificultosa. A história oral, de acordo com Mehy (1991), deve ser feita mediante conversa livre do pesquisador com um sujeito. Seria abordado um tema ao sujeito e este falaria livremente sobre tal tema. Após a colheita da narrativa deveria ocorrer a transcrição (da narrativa), a transcrição (a reprodução de todos os gestos, interferências e ocorrências durante a narrativa) e a aprovação do sujeito sobre o texto produzido, ou seja, um outro encontro com o sujeito e a leitura do texto para a aprovação dele. Para isto, deveríamos centrarmos-nos em somente uma cidade e teríamos um grande trabalho de deslocamento para ir várias vezes, com o intuito de fazer narrativas diferenciadas como cada sujeito além de retornar o mesmo número de vezes para fazer a leitura e a aprovação deles. Isso implicaria também em uma grande dedicação dos colaboradores da pesquisa que apresentam muitos compromissos para se dedicarem efetivamente a esta atividade.

Resolvemos aproveitar então os contatos com sujeitos colaboradores em cada cidade de pesquisa e por estes sujeitos reunir um grupo de sujeitos em que se pudesse estabelecer uma entrevista semidiretiva (com roteiro de abordagens preestabelecidos) nas quais pudessem falar livremente de suas experiências, conceitos e ideias sobre os fatos e questões abordadas. Neste sentido, a coleta de narrativas mais pareceu com um debate com um grupo residente da cidade em que o pesquisador fazia o trabalho de campo. Nos momentos de contato, as conversas se apresentaram de forma informal, embora tenham sido gravadas, nos quais sujeitos debatiam entre si questões referentes à suas sexualidades, as discriminações que sofrem suas experiências de vida e a qualidade de inserção cotidiana nas cidades em que moram, os problemas de livre expressão de sua sexualidade e, principalmente, as geografias existentes quando se tratando dos encontros orientados sexualmente para o mesmo sexo.

Santo Ângelo

As negociações com Lucimar e Everlei para reunirem o grupo de entrevistados em Santo Ângelo e Cruz Alta se processaram durante todo o mês de setembro de 2010. Esta dificuldade advém da dificuldade em fazer coincidir um tempo comum entre todos. Os sujeitos entrevistados de Santo Ângelo, por exemplo, eram todos muito jovens que em finais de semana se deslocavam para as casas de suas famílias em

cidades muito menores. Tivemos que trabalhar para encontrar um tempo justo a todos, que convergisse para a disponibilidade de tempo dos entrevistados e do entrevistador, principalmente em dias de semana. Neste sentido, conseguimos marcar uma entrevista grupal para o dia de 20 de outubro de 2010, ou seja, uma quarta-feira no final da tarde, depois dos expedientes de trabalho. O pesquisador se deslocou de carro de Santa Maria para Santo Ângelo, com uma distância de mais de 200 km, e foi recebido por Lucimar.

Durante o almoço, Lucimar já argumentou sobre alguns lugares frequentados por sujeitos orientados para o mesmo sexo na cidade, principalmente as duas praças principais da cidade. À tarde, antes da entrevista, o pesquisador pode circular pela cidade e desvendar alguns lugares diurnos de encontros homoeróticos, principalmente o banheiro público da chamada Praça do Brique e os bancos e gramados da praça da Igreja Matriz da cidade (Praça Pinheiro Machado), em que grupos de jovens com fortes expressões de orientação afetiva para o mesmo sexo aconteciam no final da tarde (beijos e demonstração de carinhos entre mesmo sexos). Abaixo, um texto produzido como ponto de partida de uma experiência etnográfica, compondo uma exposição do campo:

Conheci Lucimar a partir do Everlei. Everlei é um ativista gay de Cruz Alta. Conheci Everlei a partir da Marquita, líder da ONG Igualdade, que participo desde o início de 2010. Participando da ONG ajudei a organizar a Parada Livre de 2010 (que ocorreu em agosto de 2010) e do II Encontro Regional GBLT. Neste momento pude estreitar as relações com sujeitos orientados para o mesmo sexo que lutam pelos direitos gays. Em relação ao Everlei, estreitei minhas relações por participar do décimo concurso de rainha Drag Queen gaúcho, que ocorreu na pequena cidade de Rosário do Sul, evento que ocorreu no clube Caixeiral, tradicional da cidade, e que reuniu sujeitos provenientes da região da campanha, do centro e do noroeste do Estado. O Everlei também foi um dos organizadores da Parada Livre de Cruz Alta, em agosto também e da festa da Parada, que reuniu pessoas de todos os estados. Por conversas via site do Orkut, Everlei me informou o telefone e o 'perfil' de Lucimar. A partir de então comecei a conversar com Lucimar e marquei uma ida para Santo Ângelo. Em virtude de sempre se deslocar

para outros lugares no final de semana, Lucimar solicitou a conversa durante a semana. Foi então que me desloquei para Santo Ângelo no dia 20 de outubro. Chegando lá, Lucimar já me ligou e convidou-me a encontrá-lo, muito gentil e acolhedor. Antes de encontrá-lo deixei meus objetos num hotel da cidade. Liguei para Lucimar e ele me explicou onde encontrá-lo, ou seja, sua casa. Lucimar é cabeleireiro e Drag Queen, fazendo shows em toda a região noroeste, central e campanha do RS, apresentando o nome Drag de Lana Danger. Encontrando o Lucimar já observei seu estilo andrógino. Fui recebido em sua casa com muita atenção. Nela me apresentei e apresentei os significados e objetivos da pesquisa. Lucimar já iniciou argumentando algumas coisas interessantes, como as poucas possibilidades espaciais dos gays se encontrarem, se divertirem e paquerarem em lugares GLS mais exclusivos. Frequentam, geralmente, bares não específicos para isso, sendo acolhidos sem grandes problemas nestes lugares. Outra informação que Lucimar me deu foi que existem festas GLS esporádicas numa casa chamada Mana's Bar, que se localiza na cidade de Entre-Ijuís, cidade pequena quase conturbada com Santo Ângelo. Na volta para Santa Maria passei na frente da casa, que me pareceu um lugar um pouco improvisado, atrás da Igreja da cidade. Nas fotos do Orkut mostradas por Lucimar me pareceu que internamente o lugar é bem decorado e fica lotado, demonstrando-se bastante divertido. Lucimar me informou que para as festas no Mana's vão pessoas de outras cidades próximas, como Ijuí, Santa Rosa, Giruá, Panambi e até Cruz Alta. No entanto, Lucimar acha que as festas de Ijuí são mais frequentes e muito mais produzidas e animadas, mesmo assim acontecem esporadicamente, entre outras que acontecem em Santa Rosa e Passo Fundo. Estas festas são organizadas por gays empreendedores locais. As cidades próximas sempre organizam vans para deslocarem grupos de pessoas. Sobre Santo Ângelo, Lucimar descreveu que em espaço público grupos de travestis fazem programa em ruas paralelas à localidade do Hotel Avenida, ou seja, no sentido do bairro, paralelo a rua Venâncio Aires. Durante o

dia ocorre 'pegação' no banheiro da praça do Brique e encontros de grupos de adolescentes que apresentam tendências orientadas sexualmente para o mesmo sexo na Praça Pinheiro Machado (da Catedral). Informei a ele que logo que cheguei passei por um bar chamado 'Roger' em que se encontraram alguns gays que me paqueraram. Lucimar me explicou que no mesmo prédio do bar tem o Hotel Comércio que funciona como motel também e que muitos que eu descrevi se travestem a noite e que acabam utilizando o hotel para seus programas. Almocei com Lucimar num restaurante na Av. Brasil. Notei que ele é bem conhecido na cidade, cumprimentando muitos pela rua e no restaurante. Lucimar me informou que irá animar a festa como Drag numa despedida de solteiro no próximo final de semana. Lá ele argumentou que existem muitos gays que se fecham em grupos e que a permeabilidade entre grupos é muito difícil, sendo muito forte a seleção para inserção de novos componentes em cada grupo. Ele acha isso uma pena, uma vez que isso torna os gays da cidade desunidos e muito desconfiados com possibilidade de formar lugares para diversão e até mesmo organização de paradas gays ou organizações de lutas contra o preconceito e prol direito dos homossexuais. Durante o almoço Lucimar me argumentou sobre muitas paqueras e affair com homens locais que negam uma homossexualidade e que se relacionam formalmente com mulheres. Depois do almoço deixei Lucimar no salão onde trabalha e eu fui perambular (em deriva) pela cidade. Minha primeira curiosidade foi verificar o banheiro da praça do Brique. Notei que muitos homens circulavam pela região. Um rapaz entrou rapidamente e saiu sem fazer nada no banheiro. Pensei que ele poderia estar observando se ocorria alguma 'pegação'. Outros homens com mais idade estavam sentado próximo e me encararam fortemente, sugerindo paquera. Saindo do local olhei para trás e verifiquei que eles continuavam me fitar e insinuando com um gesto de cabeça para eu voltar. Concluo que realmente o banheiro da praça é de 'pegação' homoerótica. Pelas ruas somente notei uns quatro gays que me encararam no bar Roger, logo quando cheguei na cidade,

antes de encontrar Lucimar, depois sendo confirmado que a localidade ocorre sim esta procura de gay e travestis devido à presença do motel no mesmo prédio. No final da tarde estive na praça Pinheiro Machado. Observei que o lugar abriga uma diversidade bastante expressiva de tipos de sujeitos diferenciados. Nela estão pessoas correndo para manter a forma, tanto homens como mulheres solitárias ou em grupo. Pessoas ficam por entre as árvores e gramado fazendo leituras solitárias. Grupos de jovens tocam violão em uma parte da praça. Vendedores de artesanatos tipo hippies circulam. Vendedores de picolés assediam as pessoas. Grupos de jovens 'emos' se divertem coletivamente e famílias levam suas cadeiras para sentarem sob as árvores. Logo quando cheguei à praça sentei-me em um banco perto de um grupo de adolescentes. Notei que neles encontraram-se, sobretudo, jovens homens, somente duas mulheres estavam entre o grupo. Uma menina bem bonita e usando shortinho curto e outra menina com traços bem masculinos estavam com outros dez meninos. Acendi um cigarro e tentei observar o fato. Um garoto sugeriu a menina, que percebi masculinizada, me pedir um cigarro, mas logo ela falou que eu me parecia um velho que não ia fornecer um cigarro. Decidi ficar calado no banco somente a observar. Não pediram o cigarro. Porém verifiquei que quatro meninos falavam em festas e em meninas e a menina masculinizada falava muito com outro menino que me pareceu bem efeminado. Digo isso porque o menino procurava expressar bem a feminilidade em trejeitos do corpo. Um momento sentou e em um 'gritinho' agudo e um gíngar do corpo disse o banco estava muito quente. A menina, no momento disse: deixa de 'bichiche' e sente-se aí meu, de uma forma bem masculina. O interessante que os outros meninos que falavam de paquera com meninas falavam normalmente com os dois e eles compunham um grupo. Isso se verificou na bela praça Pinheiro Machado nos bancos do canto esquerdo, perto do banheiro público, quando estamos na frente da Catedral olhando a praça de frente (com a Igreja atrás). Voltando ao hotel decidi passar novamente na Praça do Brique. Ela

estava mais deserta. Verifiquei dois homens bêbados na praça e algumas pessoas bem simples sentadas em alguns bancos. Perto ao banheiro ainda estava um dos homens que me encararam da outra vez, porém ele estava junto com os adolescentes vestidos no estilo street. Pensei que alguns 'skatistas' estavam na Ralf de skate e que aquele adolescente poderia ser um deles. Quando passei fitei os dois e o menino 'mexeu' comigo. Não ouvi exatamente o que ele falou, mas ao olhar para trás eles riam de mim. Notei que algo com tendências homoeróticas aconteciam entre eles e que ele viu um mim um possível sujeito para estas relações também. Sentei um pouco mais afastado para ver se iria se abordado, mas eles continuaram durante uns 15 minutos a me fitar e conversar rindo entre eles. Decidi voltar ao hotel para me dirigir a cada de Lucimar e fazer a gravação da entrevista. No hotel liguei para Lucimar e ele marcou para passar em sua casa às 21 horas. Chegando lá estavam duas meninas e três meninos. Uma menina se definiu lésbica e outra não. Os outros três meninos além do Luc eram todos gays. Decidi gravar uma conversa entre o grupo, ao invés de entrevistas um por um. Foi muito divertida conversa, bem descontraída e sincera. Entre os aspectos que achamos importante como descoberta da entrevista foi um caráter regionalizado das convivências homoeróticas, principalmente porque as festas destinadas aos encontros amigáveis e as paqueras entre jovens estão dispersas pelas cidades próximas, principalmente ocorrendo em Entre-Ijuís, no Mana's Bar, como já dissemos, mas em Ijuí, Santa Rosa e Passo Fundo. Em Ijuí a Diva's in Fest é uma referência. Estas festas são organizadas por gays empreendedores locais e fazem convergir pessoas de outras cidades próximas, onde são organizadas vans por grupos locais. Em Santo Ângelo as convivências se dão por entre o comércio noturno diverso, não tendo lugares específicos as gays. Os prováveis lugares de maior frequência são o Canecão, na rua 15 de novembro, e o Primeiro Andar, casa de sinuca próximo ao cinema da cidade. Pelas fala do grupo os deslocamentos se dão em cidade próximas,

até no máximo Cruz Alta. Muito pouco se vai a Santa Maria e Santa Cruz, cidades que já possuem boates gays fixas, como o Barcelona em Santa Maria e a Up em Santa Cruz. Somente quando tem uma festa especial da Up em Santa Cruz, se organiza algum 'van' para deslocar o pessoal.

Procederemos, neste texto, sistematizando pontos importantes das entrevistas estabelecidas nas cidades de Santo Ângelo e Cruz Alta, nas quais foram feitos os trabalhos de campo, no entanto gostaríamos de salientar que outras cidades foram pesquisadas e são elas: Bagé, Alegrete, Itaqui e Uruguaiana. Os resultados e discussões da pesquisa nas cidades não contempladas aqui terão oportunidade de serem desenvolvidas em outro ensaio.

Discussões importantes encontradas na entrevista da cidade de Santo Ângelo

Conforme já comentamos, a entrevista aconteceu na casa de Lucimar com um grupo de, além do Lucimar, duas mulheres e três homens, todos com idades próximas a vinte anos. As principais questões abordadas foram as seguintes:

Desenvolvimento individual da sexualidade e a cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul

As primeiras experiências homoeróticas aconteciam sempre antes da puberdade, na infância, sempre com pessoas muito próximas da família, principalmente primos, e, em primeiro momento, não eram significadas como erradas e/ou como homossexuais e desviantes. O prazer aproximava os meninos e não existia uma significação para o que estava acontecendo. É na escola que irão acontecer as primeiras significações sobre a sexualidade principalmente de forma de discriminação quanto à expressão do indivíduo, como chacota e designações como 'mulherzinha', 'puto', 'bichinha'.

As significações da escola chegam a casa. Entre os entrevistados dois alegaram que tiveram problemas com os pais, inclusive agressões com intuito de correção das expressões de sexualidade. Intimamente argumentam que pensarem que eram doentes e partiam para um esforço subjetivo de tentar pensar em outras possibilidades de desejo, principalmente para a aproximação com meninas, sendo todo este processo muito complicado.

Na adolescência o encontro com outras pessoas,

muitas vezes a partir de paqueras e namoros, que se tornavam amigos, tornou-se muito importante para a autoafirmação da significação da sexualidade. No momento de recusa quanto esta significação, muitos agiam contra os próprios gays para afirmarem-se como heterossexuais, mas, logo em que ocorre a aproximação com outros sujeitos em que poderiam espelhar suas angústias, se tornou inevitável a assunção de uma identidade, em virtude do desejo latejante e da própria necessidade de entender o que se tornava incontrolável. Depois de serem aceitos em grupos de 'gays' partiram para a afirmação de uma homossexualidade nos moldes ditados pela sociedade: como desviante, principalmente em relação à transgressão dos comportamentos e expressões de gênero.

Também fora comentada na entrevista a relação de maior proximidade com as meninas na escola, assim como histórias de amor platônicas por meninos que não podiam ser reveladas, como amigos, primos, funcionários dos pais, etc. Alguns meios de convivência específicos em cidades pequenas possibilitam melhor o contato com a diversidade sexual e a aceitação sobre os desejos de si, como, por exemplo, os grupos de teatro e dança, no qual um dos entrevistados apresenta isto como profissão. Além disso, o encontro com um namorado dá força a assunção da sexualidade, principalmente pela celebração partilhada do prazer e do amor.

Para a menina que se afirma como lésbica, o contato com o esporte futebol foi importante para a identificação e autoafirmação de seu desejo. Em outros momentos como as experiências de jogos entre amigos, principalmente o chamado jogo 'verdade ou consequência' deu vazão aos seus desejos homoeróticos por muito tempo contidos. De acordo com a menina, o encontro com um confidente que entendia seus anseios foi muito importante para o entendimento da sexualidade.

Para todos do grupo, a aceitação de certas pessoas próximas da família foi o ponto crucial de plena aceitação e vivência da homossexualidade. Enquanto isto não ocorria, para alguns a possibilidade foi somente a vida distante da família ou a opção de uma vida próxima, mas cheia de anseios e complicações quando a sentimentos de culpa e choques de valores entre os familiares.

O banheiro da Praça do Brique foi revelado como ponto de pegação entre sujeitos orientados para o mesmo sexo somente por um entrevistado, que se demonstrou não ter problemas quanto à revelação de suas práticas sexuais. O restante dos entrevistados demonstrou receio a revelar tal conhecimento, principalmente por estes acharem o comportamento da

'pegação' e/ou paquera e práticas sexuais entre homens em banheiro públicos como muito 'pervertida'. Por outro lado um deles tomou coragem entre o grupo e argumentou que muitos que negam ir à praça para paquerar fazem isto por ainda achar este comportamento uma perversão, mas mesmo assim fazem isto de forma camuflada, escondendo esta prática de amigos gays próximos, talvez para tentar demonstrar um comportamento não pervertido que não é totalmente aceito entre o meio gay local. Por outro lado, o entrevistado também argumenta que isto é uma prática solitária de deriva para busca sexual (próximo à discussão de Perlongher, 1987), que produz pontos de circulação nas quais possibilidades de interações homoeróticas podem acontecer, como uma praça e um banheiro público. A menina lésbica afirma que não ocorre 'pegação' na rua entre mulheres e que a maioria dos contatos homoeróticos entre elas se dão em festas privadas na casa de uma e de outra.

A diferença da cidade grande e pequena. As possibilidades de encontro homoerótico em Santo Ângelo

Especialmente um entrevistado do grupo, que morou em Porto Alegre, alega que sua permanência em Porto Alegre durante a adolescência possibilitou/facilitou sua assunção gay, principalmente pela possibilidade maior de encontrar amigos na mesma condição e poder trocar ideias sobre isto. A possibilidade de maior número de lugares (estabelecimentos comerciais) para esse tipo de convivência facilita o encontro com pessoas que se tornam mais próximas, sejam como casos amorosos ou como somente amigos. Outro fato que ocorre é que muitos casos amorosos e sexuais se tornam amigos posteriormente, principalmente em uma cidade pequena como Santo Ângelo.

Em Santo Ângelo o Canecão e o Primeiro Andar (bar e casa de sinuca) são estabelecimentos comerciais de forte frequência dos entrevistados e de outros sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, mas não se definem como GLS ou gay. Ocorre a frequência de uma diversidade de sujeitos e geralmente podem ocorrer paqueras com homens que não se definem como gays e/ou apresentam relações com mulheres. Tais homens também não se definem como bissexuais e geralmente procuram esconder tal orientação para com o mesmo sexo. Em Entre-Ijuís, cidade conturbada com Santo Ângelo, localiza-se o Mana's bar. Este é um estabelecimento comercial que não abre todos os finais de semana, mas que promove festas GLS que atrai sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo de toda a região e de outros lugares

do Rio Grande do Sul.

Na cidade, a maioria se relaciona com 'supostos heteros', conforme eles chamam. É muito comum terem casos longos ou somente experiências sexuais com homens que não se identificam como gays e que são casados ou tem namoradas. Estas relações ocorrem de forma muito velada e somente amigos mais íntimos deles sabem. Por outro lado, muitas delas não são reveladas nem entre os amigos. Os lugares de contato inicial deles ocorre nos mais diversos e inesperados lugares, até mesmo em espaço público inusitado. Muitos se utilizam das salas de bate papo e de sites de relacionamento da internet, outros encontros acontecem em bares de frequência homoerótica, mas não tidos como GLS. Em relação a chats, costumam frequentar as salas de bate-papo do site 'terra' de Ijuí e Santa Rosa por apresentarem maior número de salas. O que percebemos que todos encontram facilmente relacionamentos na cidade ou mantêm estes com homens de cidade próximas da região.

A questão da transgressão dos comportamentos e expressões de gênero

A menina lésbica do grupo diz que a predisposição a revelar-se de 'tal forma' vem em relação a um determinado 'estado de espírito'. Assim, a aproximação com as estéticas e comportamentos dos gêneros masculinos e femininos é estabelecida como 'performances' em determinadas situações e em determinados lugares e grupos de convivência. Muitos alegam que a certos pré-adolescentes da cidade se utilizam da estética 'emo' para dar vasão a certos desejos homoeróticos, como se fosse uma performance sexual estabelecido por um modismo e/ou escondido por uma condição estética mais aceita como modismo de um estilo rock. Os meninos alegam que sempre entre eles podem ficar mais livres para brincar e estas brincadeiras sempre apontam para a transgressão do comportamento de gênero ao se vestir e expressar-se. Muitos deles afirmam que isto somente é possível entre eles e que entre família e outros lugares procuram estabelecer outro tipo de comportamentos mais próximos as condições do gênero masculino.

Um componente do grupo é *drag queen* e é conhecida na cidade por ser contrata para divertir algumas festas. Por ser conhecida na cidade, a maioria da população a aceita em seu 'jeito mais efeminado' e aprendeu a afirmar-se como tal. Mesmo definindo-se como um sujeito homoerótico que assumiu um papel mais efeminado alega ter construído um respeito em todos os meios sociais. Por outro lado isto não impede que certos olhares de estranhamento e certas situações constrangedoras (para os outros) ocorram.

O preconceito e a discriminação

A menina do grupo alega que o preconceito em relação a duas mulheres é tão forte como com relação às relações e expressões homoeróticas entre homens. A discriminação entre os mais 'afetados', ou o que transgride o comportamento de gênero, apresentando-se como mais efeminado, conforme diz um componente do grupo, é muito mais forte. Alguns assumem este comportamento e afrontam as situações de preconceito com força, outros decidem optar pela performance de masculinidade e somente transgredir as condições de gênero entre amigos e/ou em situações de busca sexual. Isto também separa tipos de homossexuais e produz divergência entre sujeitos da cidade. De acordo com todos eles, os homossexuais da cidade vivem fechados em pequenos grupos e não se misturam, sendo comum o estranhamento entre eles e o pouco contato com um grupo e outro. Questões como capacidades financeiras e posição social, assim como assunção ou não da sexualidade e certas expressões e performances quanto aos comportamentos e expressões e transgressões de gênero são motivos para a separação entre grupos.

O próprio jornal da cidade acusou que a concentração de homossexuais na praça do brique era um perigo para a cidade e relacionou o encontro desses sujeitos como prostituição. Alegam que, geralmente, a homossexualidade é vista como perversão. Muitos deles contaram situações de chacota na rua, principalmente vindas de adolescentes homens, assim como todos tiveram casos de agressão verbal e, até mesmo, físicos em espaço público.

Pontos a Salientar da Entrevista em Santo Ângelo

A entrevista em Santo Ângelo revelou-nos a perspectiva de homens muito jovens orientados para o mesmo sexo que, embora tendo idades entre 18 e 23 anos, já apresentam complexas histórias de vida na qual o homoerotismo e/ou a homoafetividade tornam-se centro de decisões e processos de escolhas e orientações. Nossa primeira entrevista nos revelou que em uma cidade do interior que não apresenta um mercado GLS desenvolvido, as táticas de vivência da afetividade e do desejo orientados para o mesmo sexo são sutis por entre o espaço público, ou seja, constantemente sendo veladas e camufladas. Por outro lado, as vidas dos sujeitos entrevistados apresentam-se plenas quanto à aceitação e a possibilidade de exercício da sexualidade.

As questões de preconceito se revelam muito próximas às vividas por tais sujeitos em cidades grandes como Porto Alegre. É claro que o mercado GLS mais desenvolvido em Porto Alegre, como revelou um de nossos entrevistados, proporciona maiores oportunidades de encontros e de fortalecimento de uma identidade que amenizam certos conflitos durante a significação da sexualidade ainda tida como desviante em certas instituições de nossa sociedade (família e escola, principalmente). Por outro lado, observamos que a não facilidade de encontro proporcionado pelo mercado produz uma criatividade tática (DE CERTEAU, 1994) como uma habilidade muito interessante entre tais sujeitos, produzindo um amadurecimento de certa forma precoce e uma esperteza incrível que contorna diariamente o preconceito e a discriminação.

Outro fato interessante é que a dificuldade de produção de territorializações mais marcadas para os encontros homoafetivos (como o mercado) acaba por um lado fazendo com que sujeitos transitem por uma variabilidade de experiências sexuais que se estabelecem na intimidade dos encontros, não tornando 'duras' suas identidades. Nestas cidades o homoerotismo velado é muito desenvolvido, embora seja mais discriminado e não se tenha espaços esclarecidos para que ocorram. Isto por um lado torna sofrida a produção da subjetividade quanto à sexualidade, mas por outro permite o trânsito contínuo e a criatividade dos experimentos sexuais. A grande cidade, como Porto Alegre, por exemplo, por apresentar um mercado flexível mais desenvolvido que liga diretamente cultura e desejo à economia torna mais domesticada certas práticas a certos lugares, como nos argumenta Fortuna (2002), ou seja, condiciona culturas diversas a lugares possíveis de ocorrerem sempre movimentadas pelo mercado. A transgressão em espaço público torna-se domesticada pela produção de espaços de consumo semipúblicos ou semiprivados do bar e da boate. Em uma cidade do interior como Santo Ângelo a transgressão se transforma numa tática criativa dos sujeitos que se opõem radicalmente a sociedade heteronormativa, que não deixa de ser heteronormativa na grande cidade também.

Podemos dizer que o que ocorre também é produção de um mercado semi-estabelecido que produzisse uma regionalidade em relação aos deslocamentos dos sujeitos orientados para o mesmo sexo em busca de diversão diretamente ligada a cultura gay, ou seja, a frequência de festas gays produzidas por certos sujeitos investidores neste mercado. O trânsito entre Santo Ângelo, Entre-Ijuís e Ijuí é constantes entre os bares e festas GLS's

Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS

esporádicas que ocorrem, assim como os deslocamentos para Cruz Alta, Santa Maria, Santa Rosa, Passo Fundo e, até mesmo, cidades da fronteira sul como Rosário do Sul e Uruguaiana. Notamos que ocorre um conhecimento sobre os acontecimentos de outras cidades e isto é proporcionado pelo desenvolvimento do meio-técnico-científico-informacional nas quais a internet e sites e chats de relacionamento são responsáveis pela atualização sobre o que acontece no criativo meio GLS da cidade e de outras próximas e distantes. Estes mecanismos informacionais atuais também são responsáveis pela troca de experiências e produção velada concreta dos encontros homoeróticos que não coloca, necessariamente, os sujeitos em uma estante de identificação gay, mas que dá vazão à diversidade de desejos vinculados tanto ao homoerotismo como ao heteroerotismo.

Outra questão relevante que já notamos na primeira entrevista é a produção da estética do corpo. Em Santo Ângelo não entramos em contato com as travestis, coisa que se estabelecerá em outra cidade no decorrer da pesquisa. Pensamos que a geração que entrevistamos em Santo Ângelo a relação entre corpo masculino e homoerotismo está mais plenamente desenvolvida, fenômeno que ocorre mais vinculado a uma cidade grande na qual a cultura gay transnacional norte-americana conseguiu se disseminar vide homoerotismo igualitário discutido por Fry (1982). Este autor argumenta que na sociedade brasileira as relações entre dois sexos reproduzem os rígidos papéis de gênero da sociedade patriarcal heteronormativas agrárias e que na cultura gay norte-americana o culto ao corpo masculino e a experiência entre corpos masculinizados, inclusive em excesso, torna-se mais evidente. Este fenômeno atingiu as grandes cidades brasileiras principalmente a partir da década de 90, na quais homens se identificavam plenamente como gay e com experiências sexuais restritas para com o mesmo sexo, mas mesmo assim aprendiam a cultivar o corpo e o comportamento masculino. Em cidades como Rio de Janeiro os corpos malhados e masculinos dos garotos de praia se confundem com a cultura gay local e em São Paulo, como discute Braz (2006), se produzem bares cujas regras de convivência são demonstrar-se 'hipermasculino', mesmo apresentando comportamentos sexuais de passividade que na cultura gay brasileira poderia representar o corpo efeminado ou o travestismo.

Os jovens de Santo Ângelo misturam suas expressões de algumas formas: (a) vestem-se e comportam-se como masculinos em todas as situações sociais, mas se identificam como gays; (b) entre amigos apresentam certos gestos e trejeitos efeminados

que se confundem a vestimentas e corpos masculinos; (c) alguns se identificam mais com o efeminamento e inclusive se travestem (drag queens) e pela simpatia e pela irreverência sadia são aceitos em plenamente em sociedade; (d) outros se confundem com certas culturas e modismos juvenis (como os 'emos' e os 'coloridos') que produzem performances corporais e estéticas que misturam certos atributos de um gênero ou outro (como pintura facial e uso de certas roupas mais femininas). Por outro lado, o Lucimar apresenta-se como uma liderança do grupo por justamente conviver com sua sexualidade de forma plena e ser identificado como corajoso de assumir uma forma e uma expressão mais efeminada e por ter inteligência artística e expressiva de se travestir esporadicamente e representar um ícone gay da cidade (a drag Lana Danger). Isto demonstra um desenvolvimento diferencial de Lucimar cujas suas palavras, ideias e relato de experiências torna o grupo coeso e ligado, fazendo com que os sujeitos se ajudem mutuamente e tenham um ponto focal para tornar amenos seus sofrimentos em meio à sociedade heteronormativa. No entanto, Lucimar não é uma regra a se seguir, mas um ponto de apoio evidenciado por sua coragem, sua espontaneidade, sua inteligência, sua tranquilidade quanto a si mesmo e sua aceitação e admiração social quanto à arte que desenvolve.

Cruz Alta

Nesta cidade a entrevista foi bem diferenciada da cidade de Santo Ângelo, isto porque entrevistamos sujeitos que se dedicam a longa data as causas LGBTT's e que discutem política e intelectualmente as questões relacionadas às homoafetividades, sendo líderes da ONG Diversidade de Cruz Alta. Os três sujeitos entrevistados são o Everlei, o Leandro e o Tiago, todos eles com idade acima dos 25 anos e próximo aos 30 anos, representando então outra geração daqueles entrevistados em Santo Ângelo.

Em virtude de serem sujeitos que há muito tempo se envolvem com as questões das discussões políticas e ideológicas quanto à homoafetividade e de serem também sujeitos orientados para o mesmo sexo, que construíram suas vidas em torno dessas questões de ordem pessoal na cidade de Cruz Alta, procuramos diferenciar a entrevistas trazendo a tona discussões mais conceituais e acadêmicas em torno da sexualidade, uma vez que todos apresentavam também curso superior completo (Jornalismo, Pedagogia e Dança).

Outro fato que também se evidencia a esta diferenciação é que Everlei e Leandro são funcionários públicos e utilizam suas inserções municipais para

lutarem pelo reconhecimento das diversidades culturais e sexuais na cidade. Em virtude desse contato com a pesquisa, houve a motivação de Leandro submeter projeto de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFSM no final do ano de 2010 e ser aprovado, começando seus trabalhos em 2011, sob a orientação do autor desta pesquisa. Outra presença importante na entrevista foi o acompanhamento de Marquita, convidada pelo pesquisador a acompanhar o trabalho, sujeito que proporcionou o desenrolar inicial da proposta de projeto e ação, líder da ONG Igualdade de Santa Maria-RS.

Dentre as discussões estabelecidas no grupo temos:

As categorias de identificação dos sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. Militância LGBTT. Transcendência sobre experimentação sexual e identidade

Identificam o termo homossexualismo como mais antigo e homoafetivo mais atual como um termo que procura amenizar a questão da perversão e colocar a questão da afetividade para como o mesmo sexo (afeto não exatamente sexual). As terminologias avançam em relação às discussões sociais e, principalmente, em relação às políticas de reconhecimento. Homoafetividade é o termo mais debatido em meios de discussão de militância LGBTT's e é relacionado às questões dos direitos civis. Gay é mais enraizado como senso comum na sociedade omHom, mas também está vinculado ao movimento gay como afirmação de uma identidade de todos os sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo. A própria sigla LGBTT que apresentou mudanças nos últimos anos (GLS, GLBT, GLBTT, LGBTT) representa o reconhecimento de subgrupos que se organizam politicamente e discutem a importância de seu significado no universo orientado sexualmente para o mesmo sexo (a passagem do 'L' para frente da sigla representa uma pressão de reconhecimento sobre as políticas do movimento de mulheres lésbicas).

Outra discussão bastante interessante reportou-se as questões das transexuais. Everlei alega que hoje no Brasil ocorrem 16 cirurgias de mudança de sexo por dia (este dado vem do discurso do entrevistado e não representa nenhuma pesquisa oficial citada pelo pesquisador que escreve). A discussão levantada pelo grupo é que muitos das transexuais reivindicam o direito de serem consideradas heterossexuais (novos sujeitos heterossexuais) e assim não se identificarem nem com o universo e nem com o movimento LGBTT. Toda esta discussão acabou convergindo para a ideia de se ter cuidado em discutir gavetas indenitárias, pois a

sexualidade transcende a identidade, ou seja, ocorre a transcendência de sexo e identidade e a incompatibilidade constante de certas categorias, como é o caso das discussões das transexuais e de uma população grande de homens que mantém regularmente ou esporadicamente relações com outros homens, mas não se identificam como gays ou homossexuais, vivendo todos os compromissos de uma sociedade heteronormativa, coisa muito comum em uma cidade do interior, assim como em cidades grandes.

Na construção da identidade e da sexualidade em cidades do interior, durante muito tempo, no passado, apresentar desejos para com o mesmo sexo significava ter que assumir uma postura de efeminado, que culminaria na grande possibilidade dos sujeitos se converterem em travestis. Esta pressão partia tanto da sociedade heteronormativa, como pelos círculos homoafetivos construídos. Neste sentido, isso culmina, na construção da sexualidade dos sujeitos entrevistados, numa propensão para as relações sexuais entre eles e homens considerados heterossexuais. O próprio desejo converge para isto. As possibilidades de manter relações sexuais com 'gays assumidos' se estabelecem a partir do trânsito para outra cidade (principalmente em alguma festa GLS organizadas por investidores empresários locais) ou pelo contato com algum visitante/viajante que se hospeda na cidade.

As festas esporádicas permitem a libertação e a vivência de uma construção imaginária de um universo gay (paqueras, sexualidade livre, shows de *drag queens*, música dançante e extravasamento emocional e frenético, encontro com amigos e discussões em grupo sobre a vida e a sexualidade, etc.), depois disso voltam a realidade e suas experiências com homens heterossexuais (muitos homens casados, sendo que os militares sempre fazem parte dos relatos de experiência e do imaginário desejante). As festas apresentam-se ao mesmo tempo como territórios efêmeros de libertação de uma sexualidade e de uma expressão cultural gay, mas também oportunidades de aprendizado sobre um universo homoafetivo para determinados sujeitos. Neste sentido, a festa ao mesmo tempo possibilita uma significação mais tranquila do desejo construído de outra forma do que aquela repressora estabelecida em meios heteronormativos e, ao mesmo tempo, uma oportunidade única de discutir de forma implícita e divertida o direito de expressão perante a sociedade.

Por outro lado, a festa também se apresenta como um evento alienante, pois serve para o consumo e a reprodução de certos modismos. A festa é um evento

de desfile de moda e de reprodução do comportamento do 'macho caçador' construído na divisão de papéis heterossexuais. Neste sentido, apresentam a realidade de suas vidas como militantes e argumentam que a visibilidade e o reconhecimento só poderão ser construídos com mobilização política. Dessa forma, a festa pode representar sim a diversão, mas ela deve estar envolvida com o movimento político de reconhecimento. Muitas das festas no interior têm este caráter, diferente das festas em cidades grandes que não possibilitam este debate entre os gays. Esta talvez seja um ponto positivo as festas do interior, pois elas geralmente são promovidas por ONG que apresentam um comprometimento político para com a diversidade cultural e sexual.

Também é contraditória esta questão entre os sujeitos orientados para o mesmo sexo. Até mesmo entre o circuito de pessoas identificadas e assumidas como gays existem muitas separações e discriminações que se estabelecem por relações de divergências de segmentos socioeconômicos, por atributos de expressão de sexualidade e de desejo e práticas sexuais, de estéticas e de formas de encarar e tornar visível perante a sociedade a identidade sexual. Eles mesmos sentem-se discriminados por muito outros gays por se mostrarem efetivamente perante a sociedade suas orientações sexuais e lutarem pelas causas LGBTT. Muito procuram manter distância até mesmo com medo de serem taxados de 'bichas' por andarem com as 'bichas' mais conhecidas da cidade.

A identidade. A construção da identidade

A construção sobre a significação e a identificação dos sujeitos em uma cidade do interior é muito difícil e permeada de complicações e conflitos. Leandro (também conhecida como Loraine) e Marquita se consideram transgêneros, pois não preocupam-se em expressar uma ou outra estética ou comportamento específico de um gênero. Estes atributos estão misturados de forma criativa em seus corpos e gestos. Para muito a identidade física é uma performance que pode ser planejada ou pode ser considerada um estado de espírito sem um pensamento prévio. A travesti apresenta-se como mulher durante todo o tempo. A transgênero não é isto ou aquilo durante todo o tempo, seus corpos são misturas complexas de atributos de gênero construídos pela singularidade do ser em questão, o que denota uma identificação pessoal muito forte e singular. A *Drag Queen* planeja sua transgressão de gênero com muito cuidado, sendo leve ou sendo extravagante de acordo com o papel que encarna em sua transgressão.

Todos argumentam que se sentem bem aceitos na

família. Durante o início o processo é conturbado, mas a mãe, diferente do pai, que quer que o filho se espelhe e tenha comportamento de um 'macho', aceita com o tempo. Hoje Leandro, por exemplo, sai de casa 'montada' (travestido de Loraine) sem repúdio da mãe. Muitas vezes os pais não aceitam a sexualidade do filho, pois veem que poderão sofrer com a sociedade heteronormativa e tomam uma postura de tentar mudar o caminho do filho.

Todos apresentam um valor positivo quanto a ser homossexual. Alegam que embora suas vidas fossem difíceis e conturbadas isto se apresentou como um estímulo ao crescimento pessoal e ao desenvolvimento da inteligência. Alegam que a carga de definições e de padronizações aos heterossexuais também é muito complicada e a orientação lhes libertou disto podendo ter uma vida mais alegre e mais livre quanto às definições sobre si mesmos (sobre sua autenticidade e espontaneidade). Isto se apresenta como certa liberdade existencial e controle de suas próprias vidas, assim como uma esperteza tática de conseguir facilmente contornar e enfrentar as adversidades da vida. Também alegam que desenvolvem uma facilitada maior de entendimento do mundo e de si mesmo, assim como um prazer de viver a cada dia as dificuldades que lhes são impostas.

Territorialização da (homo) sexualidade

Todos argumentam que ocorre sempre um posicionamento do sujeito quando suas expressões e comportamentos corporais. Em ambientes amigáveis (entre amigos) sempre se sentem livres em 'brincar' com a expressão corporal e transgredir certos atributos de gênero, em outros lugares procuram sempre manter uma postura discreta. Leandro argumenta que sua expressão corporal sempre transmite confusão e transgressão quanto aos atributos de gênero, mas mesmo assim procura portar-se diferenciadamente em certos lugares em que nem todos reconhecem a homossexualidade e partilham de certas práticas culturais gays.

Alegam que a zona norte da cidade de Cruz Alta apresenta uma grande quantidade de gays que cresceram juntos, se conhecem e se protegem perante a sociedade heteronormativa local. Os espaços de aproximação sempre foram lugares já tidos como espaços de culturas alternativas, como a dança, o teatro e o carnaval. Na história de vida deles e de outros amigos que não estavam presentes lembram-se da casa do Tiago (hoje professor de dança da UFPEL e morador de Pelotas). A casa era conhecida como 'Palácio de Cristal' e neste lugar brincavam, se maquiavam e se 'montavam' utilizando com lençóis

para imitarem vestidos. Tiago é reconhecido como uma influência boa e uma liderança para eles, pois sempre os incentivou a estudarem e a construírem suas vidas da forma mais forte para poderem sobreviver ao preconceito. Assim entraram na Universidade pela influência de Tiago, assim como começaram a participar do carnaval (Escola de Samba Imperatriz da Zona Norte).

Para eles suas territorialidades, além do bairro zona norte, a casa do Tiago e a escola de samba (carnaval), também foram construídas pela relação com o movimento estudantil, depois com a vida partidária (PT) e, em 2005, com o envolvimento com o movimento LGBTT. O movimento da juventude estudantil vinculado ao PT em 2002 se transformou rapidamente em movimento LGBTT, pois a grande maioria era orientada sexualmente para o mesmo sexo. Em 2004, Everlei se candidata a vereador (primeiro candidato verificado jovem assumidamente gay do Estado), mas não consegue efetivar a candidatura. Mesmo assim o prefeito que apoiavam vence as eleições e eles assumem cargos de confiança na Prefeitura. Por via deles foram desenvolvidos vários programas nas escolas envolvendo a discussão da sexualidade. Neste momento, um radialista local começa a discriminar as ações e ataca o prefeito por 'encher a prefeitura de veados'. O material desenvolvido na escola acabou sendo mal interpretado pelo jornalismo local, mas mesmo assim a Prefeitura mantém a postura de trabalhar as diversidades. Em virtude destas controvérsias, o projeto acaba mais se concentrando no trabalho de prevenção de violência e para com a saúde dos travestis locais. Em virtudes destes choques discriminatórios que repercutiram publicamente na cidade, ocorreu a exoneração de cargo de confiança dos dois entrevistados, mas que logo ascenderam ao poder local via concurso público (Leandro é jornalista da prefeitura e Everlei professor).

Leandro se identifica muito com Cruz Alta, mas alega ter poucas possibilidades de viver uma vida plena gay, já Everlei pensa um dia em sair de Cruz Alta, principalmente para viver um relacionamento afetivo, uma vez que os envolvimento na cidade entre eles e heterossexuais dificilmente se transforma em algo mais denso quanto à afetividade e são muito tênues por se tratar basicamente de experiências sexuais, principalmente pela falta de identificação gay do sujeito envolvido.

A vida gay em Cruz Alta é tida por eles como muito individualizada, ou seja, reúnem-se em pequenos grupos e vão para algum lugar para jantar, beber e conversar. Os grupos são individualizados, mas não ocorre muito fechamento como verificamos em Santo Ângelo. Podem ocorrer alguns conflitos que

envolvem basicamente inveja, fofocas e separações entre 'as pobres, as ricas, as metidas, as bonitas, etc.', mas todos se conhecem, conversam e se relacionam plenamente. Por outro lado, grupos de afinidade se dividem pela simples afinidade. Eles, os entrevistados, são taxados de 'metidas' e alegam que talvez por terem feito uma Universidade e estiverem bem colocados no mercado de trabalho sofrem preconceito dos outros e isto dificulta, por exemplo, a atuação da militância LGBTT que fazem parte.

Para eles ocorre muita semelhança da vida em Cruz Alta e de uma cidade maior. Ocorre vida em 'balada' (embora não específica gay), ocorre concentração em praças nos finais de semana e pegação em banheiros públicos. Verificamos que a internet facilitou muito os encontros homoeróticos assim como o conhecimento do que está acontecendo em outras cidades. Como em Santo Ângelo, transitam para uma festa ou outra, que está sendo promovida em uma cidade próxima (ou até mesmo distante como cidades da zona sul do Estado do Rio Grande do Sul). Mesmo assim, como verificamos em Santo Ângelo, o deslocamento para Porto Alegre é muito pouco frequente, sendo os destinos principais Ijuí, Entre-Ijuís (Mana's Bar) e Santa Maria (principalmente para ir à boate Barcelona). Na cidade, a 'quadra' (ou ponto de prostituição) dos travestis é na Rua Marise Barros, próximo à loja Total (de materiais de construção). Além disso, a Praça da Matriz (Praça Érico Veríssimo) é ponto de encontro entre amigos para conversar e a praça da frente da Prefeitura (Praça General Firmino), de pegação à noite. A praça da prefeitura se torna ponto de pegação, pois em uma das esquinas dela tem a boate 'Armazém' de muita frequência gay, mas não exclusiva para isto. Quando não paqueram e não encontram ninguém na boate muitos circulam pela praça e conseguem alguma paquera. Muitas travestis se atrevem e vão aos bailes da cidade e nunca se verificou um atrito muito danoso a estes sujeitos. Alguns outros bares como a Op's e o Bahamas (mais elitizados) também circulam gays. Por outro lado, todos os lugares citados são tidos como lugar de frequência heterossexual, mas os gays frequentam em grupos e geralmente ficam entre amigas mulheres, sendo, assim, bem aceitos. Mesmo sendo heterossexuais, os homens dos recintos geralmente se interessam por algum gay e sempre acaba havendo um envolvimento. Um lugar muito utilizado como ponto de fazer sexo com algum suposto heterossexual é a região mais deserta dos trilhos do trem. Muito alegam terem conhecido algum homem e acabar se destinando para este lugar para fazer sexo.

Pontos a Salientar da Entrevista de Cruz Alta

As entrevistas em Cruz Alta foram extremamente interessantes em virtude do diferencial aprendido que se construiu na pesquisa. Além de questões sobre as vivências e as construções de vidas baseadas nas questões da sexualidade destes sujeitos na cidade de Cruz Alta, pudemos ter uma discussão mais ampla sobre as questões de giram em torno das homossexualidades. As discussões sobre condições estéticas transgênero se revelaram na prática de vida de Leandro e Marquita, como um posicionamento produzido espontaneamente pelos sujeitos em questão e que determinam uma forte singularidade deles. As histórias de envolvimento militante dos entrevistados merece também destaque, assim como o envolvimento positivo das políticas públicas municipais em relação a tais questões. Infelizmente nos decepcionamos com as ações conservadoras das redes de jornalismo locais que interpretaram muito mal as políticas públicas e as ações pedagógicas promovidas nas escolas.

As histórias de vida se repetem pela necessidade de apoio dos grupos de amigos e principalmente de uma pessoa que se constitui como referência para tais sujeitos. O Palácio de Cristal, como era chamada a casa de Tiago, se tornou marca concreta de um imaginário gay que se tornou vivido com responsabilidade sobre o desenvolvimento pessoal de cada um e um bom encaminhamento pessoal, social e político que fez originar sujeitos comprometidos com as lutar de reconhecimento sobre a diversidade sexual.

Novamente verificamos como são ricas e criativas as táticas dos sujeitos para exercerem suas sexualidades em meio a uma sociedade e espaço social heteronormativo. As relações tênues ligam gays assumidos e supostos heterossexuais com frequência, embora de forma muito velada, e muitos espaços são transgredidos com sutileza, como uma boate, um bar, uma praça pública (principalmente a Praça da Prefeitura ou General Firmino) e uma região identificada como 'trilhos de trem'. Sempre existiram lugares de referência produzidos por ações táticas de sujeitos para exercerem a plena sexualidade orientada para o mesmo.

Outro ponto crucial é a inerente pressão social que conduz os sujeitos orientados para o mesmo sexo a se aproximarem das estéticas e comportamentos femininas, determinando uma construção sexual que os leva a quererem se relacionar com sujeitos que se denominam e levam uma vida heterossexual. Estas relações parecem ser regra nas cidades do interior, uma vez que o mercado não desenvolvido não produz lugar para desenvolvimento de praticas afetivo e

estabilização de identidade sexual e experiências entre gays efetivamente assumidos. Isto para alguns dos entrevistados determina uma fraca possibilidade de ser viver um relacionamento mais duradouro e a construção de uma relação afetiva mais concreta, sendo muito baseada em experiências esporádicas vinculadas ao prazer sexual.

Outro fator importante de se considerar é a alegação que as dificuldades de aceitação da sexualidade perante a sociedade heteronormativa motivam os sujeitos a superar constantemente as dificuldades e construir-se como seres autênticos. Isto possibilita uma trajetória de vida construída pela dificuldade, mas também pela superação. De acordo com os entrevistados isto leva a um entendimento muito mais significativo sobre o si mesmo, sobre os outros e sobre a sociedade em geral, ao contrário de sujeitos heterossexuais que se adequam aos *scripts* sociais e reproduzem o que é comumente aceito. De acordo com eles, isto desenvolve uma inteligência e um senso de superação constante que torna o sujeito fortalecido e apresentando uma visão ampla das especificidades das pessoas e das práticas sociais comuns. Ao mesmo tempo, isto produz uma capacidade de maleabilizar o corpo e as ações para certa adequação e certa transgressão em relação às determinações sociais. Por outro lado os produz como seres autênticos e, embora não se sintam livres para realmente fazerem o que querem em meios sociais, se consideram livres sobre um processo de construção autêntico de si mesmos.

Considerações finais

A pesquisa se propunha a estudar as condições cotidianas de vida de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo em cidades do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Em primeiro momento, no projeto, tínhamos a previsão de contatarmos sujeitos de algumas cidades já preestabelecidas, porém observamos que este tipo de pesquisa se define pelo processo de construção e está condicionada aos limites e possibilidades encontradas pelo pesquisador. Em virtude das táticas construídas no decorrer da pesquisa, que se refere a como o pesquisador irá encontrar os sujeitos que possam contribuir ao conjunto de entrevistas, que possibilitam coletas de dados sobre as relações destes sujeitos com sua sexualidade e com a cidade em que vivem, tornou-se difícil de serem delimitadas as cidades de trabalho em um projeto prévio. Somente estratégias construídas no próprio processo é que revelaram quais as cidades em que conseguimos manter contato com determinados

sujeitos orientado para o mesmo sexo. A estratégia primeira foi partir da própria cidade de Santa Maria no sentido de encontrar sujeitos orientados para o mesmo sexo envolvidos nos movimentos políticos de luta pelo reconhecimento das sexualidades LGBTT's. Tivemos a grande felicidade de encontrar sujeitos muito articulados com outros grupos de outras cidades do interior do Estado, que se referem principalmente a líderes políticos de ONG's formalizadas e não formalizadas, assim como promotores de eventos LGBTT's do interior do Estado. Podemos pensar que já exista uma rede de deslocamentos de sujeitos e de eventos LGBTT's que ligam cidades próximas a Santa Maria, principalmente as que evidenciamos neste texto, na região noroeste do Estado. A estratégia de procurar os agentes das políticas de reconhecimento e participar primeiramente como colaborador da organização dos eventos relacionados à décima Parada da Diversidade de Santa Maria possibilitou-nos construir nossos contatos que produziram os resultados descritos aqui neste projeto.

Todo o processo, que constituiu todas as negociações com sujeitos-chave que puderam fazer contatos com outros colaboradores a serem entrevistados, se demonstrou demorado e difícil de ser estabelecido. Decidimos, assim, não cobrar muitas responsabilidades de nossos sujeitos articuladores em algumas cidades em que nos deslocamos, como, por exemplo, marcar entrevistas individuais. Decidimos contar com a boa vontade de algumas pessoas em chamar seus amigos e pessoas mais próximas para estabelecer uma conversa mais informal e em grupo de discussão, cujas narrativas seriam todas gravadas. Em todos os momentos os sujeitos sabiam de minha identidade como professor e pesquisador da UFSM e o interesse da conversa, assim com o a necessidade de ser gravada. Neste sentido, mudamos o caráter metodológico primeiramente projetado, ou seja, a história oral, uma vez que pautamos novos procedimentos a seguir descritos:

1) Procura de caminhos via mecanismos de comunicação como e-mails, salas de relacionamentos virtuais e telefone para estabelecer contatos com sujeitos-chaves que poderiam organizar grupos de sujeitos orientados para o mesmo sexo para serem entrevistados coletivamente. Neste processo, foi decisiva a proximidade com a ONG Igualdade Santa Maria e a ONG Diversidade Cruz Alta, que nos indicou alguns sujeitos que poderiam ser contatados em algumas cidades (inclusive não previstas no projeto);

2) Marcação do encontro com grupos de colaboradores e efetivação da entrevista com equipamento de gravação de voz. As entrevistas seguiam roteiros de perguntas abertas e/ou indicações de determinados assuntos e/ou ideias para serem discutidos livremente por quem quisesse falar. Muitos das entrevistas se pareceram como conversas em bares e também festividades em casas particulares;

3) Sistematização dos principais assuntos tratados e textualização de elementos interessantes das conversas registradas. Antes da textualização o pesquisador trabalhou com o material gravado organizando arquivos de dados que poderiam ser explorados na organização textual do relatório. A estrutura que seguiu foi a indicação da cidade de entrevista, a discussão sobre observações do pesquisador na breve passagem pela cidade, a organização de grandes tópicos abordados e o aprofundamento dos argumentos dos sujeitos sobre os tópicos discutidos.

Decidimos também não estabelecer mapeamentos dos espaços públicos e privados de frequência de sujeitos orientados para o mesmo sexo, uma vez que os mapeamentos se encontram produzidos textualmente. Embora algumas estratégias metodológicas se diferenciem do projeto inicial estas mudanças representam a naturalidade tática que se desenvolveu no decorrer dos 12 meses de pesquisa, no sentido de procurar encontrar sujeitos que pudessem falar de suas vidas e das vidas de outros sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo nas cidades do interior do Estado. Os procedimentos metodológicos de coleta de narrativas mudaram, assim como mudaram as cidades de pesquisa. Porém estas mudanças se revelam no processo criativo que se produziu e que permitiu o encontro com realidades, fatos e eventos nunca antes pensado pelo pesquisador, que já apresentava muito conhecimento dos cotidianos e espacialidades homoeróticas e/ou homoafetivas em algumas grandes cidades brasileiras.

No Brasil o desenvolvimento dos estudos de 'queers' e feministas é muito recente. Merece destaque alguns autores como Joseli Silva, Benhur Pinós da Costa, Maria das Graças Silva do Nascimento da Silva, Rosa Esther Rossini, Maria Suzana Veleda da Silva. Grande parte dos trabalhos remete a análise territorial dos espaços urbano e enfocam principalmente cidades grandes e médias. Este estudo

Pequenas Cidades e Diversidades Culturais no Interior do Estado do Rio Grande do Sul: O caso das microterritorializações homoeróticas em Santo Ângelo e Cruz Alta-RS

se revelou extremamente importante para a Geografia Cultural e Social, assim como para os estudos 'queers', pois revela uma realidade 'invisível' em cidades gaúchas de fronteira (e da Campanha) consideradas de cultura local tradicional baseada na família patriarcal e na rigidez das condições e papéis de gênero, principalmente a tradicional figura do machismo do gaúcho da campanha. Em relação aos estudos de sexualidade conseguimos nos adentrar a uma comparação sobre a grande e a pequena cidade e sobre o desenvolvimento do mercado de diversão e de desejo em relação às convivências e cotidianos de sujeitos orientados sexualmente para o mesmo sexo, enfocando principalmente as condições de espacialização destes sujeitos nestas cidades, suas oportunidades de vivência da sexualidade e as repressões que sofrem e que os condicionam a uma vida transgressora, velada e camuflada perante a sociedade heteronormativa local.

Referências

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 7., 2006, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2006. [Disponível em <<http://www.artnet.com.br/~marko/camilo1.htm>> Acesso em maio de 2007]

BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 1, n. 21, p. 71-95, jan./jun., 1999.

CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COSTA, Benhur Pinós da. **Por uma Geografia do cotidiano: território, cultura e homoerotismo na cidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UFRGS, Porto Alegre.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Vozes, 1994.

FORTUNA, Carlos. Culturas urbanas e espaços públicos: sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. n. 63, p. 123 – 148, outubro de 2002.

FRY, Peter. **Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

HONNETH, Axel. **Luta pelo reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Editora 34, 2003.

JAMESON, Fredric. **O pós-modernismo: e a lógica cultural do capitalismo avançado**. São Paulo: Ática, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola: São Paulo, 2005.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: a prostituição viril**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografia subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa-PR: Todapalavra, 2009.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio (Org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Recebido em 14 de agosto de 2011.
Aceito em 23 de dezembro de 2011.